



## FERNANDO PESSOA

## 5. ESPERANÇA

*Os sonhos quando realizados deixam de ser desejados.*

Almada Negreiros  
(1893-1970). Desen-  
ho in Presença, n.º  
53-54, 1938.



«Para quê afeição, esperança, se perco, logo que as  
uso, a causa para as usar?»

Onde pus a esperança, as rosas  
Murcharam logo.  
Na casa, onde fui habitar,  
O jardim, que eu amei por ser  
Ali o melhor lugar,  
E por quem essa casa amei —  
Decerto o achei,  
E, quando o tive, sem razão para o ter

Onde pus a afeição, secou  
A fonte logo.  
Da floresta, que fui buscar  
Por essa fonte ali tecer  
Seu canto de rezar —  
Quando na sombra penetrei,  
Só o lugar achei  
Da fonte seca, inútil de se ter.

Para quê, pois, afeição, esperança,  
Se perco, logo  
Que as uso, a causa para as usar,

Se tê-las sabe a não as ter?  
Crer ou amar —  
Até à raiz, do peito onde alberguei  
Tais sonhos e os gozei,  
O vento arranque e leve onde quiser  
E eu os não possa achar!

16-2-1920

**Poesias.** Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.)  
Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995): 85.